



# Entrevista Rita Gorjão Henriques e Sebastião Rebolo

(Lisboa, n.1997)

(Lisboa, n.1998)

**Rita, como foi o seu percurso até chegar aqui? Onde se formou?**

Em 2015 entrei em arquitetura na FAUL. Eu, na altura, não sabia bem o que queria, então escolhi a FAUL porque tinha design. Quando percebi que queria arquitetura comecei a ver outras hipóteses, para fazer um mestrado, então acabei por fazer uma transferência no 3º ano, em 2017, e fui para a FAUP, onde conheci o Sebastião. Fiz INTERCÂMBIO no Chile, na Faculdade de Valparaíso. Como lá as cadeiras são anuais, um semestre teve equivalência ao ano inteiro, portanto, eu acabei por vir fazer um estágio, aqui no atelier Aires Mateus, isto foi em 2020. Eu comecei dia 9 de março e, no dia 11, estava a fazer uma maquete e fomos todos para casa. Eu ainda estive até dia 13 a acabar uma maquete do projeto da Austrália. Depois estive em casa a trabalhar ao computador e, assim que houve oportunidade, começámos a voltar aos poucos e poucos. Em agosto parei para fazer a tese, e mais tarde, o Manuel sugeriu voltar. Entrei em setembro de 2021 para trabalhar de um modo mais profissional.



### **E o Sebastião?**

Eu fui para a [Escola Artística] António Arroio em 2012, fiz aí três anos em design de produto, mas já sabia que queria arquitetura. Em 2015 fui para a Faculdade do Porto – eu já sabia que queria ir para lá, mas era uma questão de notas. Consegui e fui para o Porto. No 5º ano fui de ERASMUS, para a América do Sul, para a Faculdade de Montevideo – foi uma experiência incrível! Quando voltei estive a fazer a tese, foi no início da pandemia, e aí estive em Lisboa. Assim que acabei a tese, estava à procura de trabalho, e consegui chegar aqui. Já cá estou desde 2021.

### **O que vos levou a escolher o atelier Aires Mateus para trabalhar?**

Sebastião: O trabalho eu já conhecia e interessava-me imenso. Havia alguns arquitetos em Portugal que me interessavam – poucos – e a minha ideia era tentar entrar para um desses poucos ateliers que me interessavam. Surgiu esta oportunidade, e está tudo a correr bem até agora.

### **Qual o impacto que o espaço do atelier tem na vossa vivência diária?**

Rita: A primeira vez que eu vim ao atelier achei o espaço extraordinário. Uma pessoa não está à espera de ver um espaço assim tão rico em tantas coisas. Agora, no dia a dia, sinto que estou sempre a descobrir coisas novas no espaço do atelier. Estou cá há dois anos e só no outro dia é que reparei que aquela porta é uma porta falsa. Muitas vezes o espaço do atelier serve como uma lição de arquitetura. Quando estamos a fazer um projeto de execução servimo-nos muito do atelier para ver as coisas. Eu já tive em várias salas, e acho que cada espaço ajuda na criatividade.

### **Usam o atelier como modelo?**

Rita: Sim, imenso.



Sebastião: As casas de banho, por exemplo.

Rita: Vamos ver a estereotomia das pedras, as alturas das peças. O atelier serve muito para ver como é que algumas coisas funcionam.

Sebastião: Há muitas experiências que já se fizeram aqui neste atelier e, na altura do projeto, há muitos pormenores que vão de um projeto para o outro. Muitas vezes, quando temos dúvidas num projeto de execução, chegamos à conclusão que mais vale ir ver como é que temos feito aqui. Há projetos que nada têm que ver com isto, mas há ideias que se repetem. Há muita coisa que já foi pensada e estudada por muita gente que aqui esteve. Isto é uma coisa que também acontecia na FAUP, o edifício era sempre uma referência.

Rita: Uma vez tivemos uma reunião com uns clientes aqui, nesta sala [do Manuel Aires Mateus], e precisámos de mostrar a dimensão da bancada, então usámos a mesa como referência. Assim os clientes conseguiram ver e perceber que com 5 metros a bancada estava bem. **O atelier é a vossa maquete à escala real?**

Rita: Sim, muito. Eu trabalho numa sala revestida de azulejo, e os azulejos ajudam-me muito a ver as medidas. Do ponto de vista do espaço este é um ótimo projeto de reabilitação e de bons pormenores. Em termos de espaço de trabalho também é ótimo porque tem imensa luz. É a tal descoberta diária, onde podemos estar a comer um iogurte, olhar para o jardim, e ver novas coisas. Do ponto de vista urbano está bastante isolado, mas ao mesmo tempo está no meio da cidade. Para mim é um espaço ótimo de trabalho, bastante único.

Sebastião: Na verdade, dentro do próprio atelier também há vivências diferentes. Eu trabalho numa sala onde trabalha mais gente, portanto o ambiente é mais mexido. Há mais projetos, há mais conversa.

#### **Aproveitam o espaço exterior nos momentos de pausa?**

Rita e Sebastião: Sim, muito.

Sebastião: Sempre que almoçamos no atelier, almoçamos fora, na mesa ou ao pé da piscina.





Rita: A piscina usamos de vez em quando.

Sebastião: Não é uma coisa de rotina, mas acho que há esse à-vontade.

Rita: Todas as pessoas ficam espantadas, “tem uma piscina aquele escritório”.

Sebastião: Nem sempre há tempo...

**Acham que esse usufruto do espaço exterior tem influência na produção do vosso trabalho?**

Sebastião: É inegável que um espaço exterior traz qualquer coisa de diferente à maneira como passamos o dia. A verdade é que, estar o dia inteiro sentado à secretária ou estar o dia inteiro à secretária e ir três ou quatro vezes lá fora traz qualquer coisa de novo. Almoçar no jardim é equivalente a almoçar fora do espaço de trabalho, às vezes é só sair um bocadinho. Isso é bom. Estamos no centro da cidade, mas dá para estar com alguma tranquilidade e descansar um bocadinho. Se tivéssemos aquela área, mas se esta fosse interior não ia, de certeza, ser tão usado.

**Rita, também sente este efeito retemperador?**

Sim, eu uso bastante o espaço exterior do atelier até porque a sala onde trabalho tem uma varanda, onde vou imenso. Alguns até usam a varanda como “cabine telefónica” para atender chamadas de trabalho.

### **Como interpretam o espaço arquitetónico onde trabalham?**

Sebastião: Há uma coisa que é interessante – e eu penso algumas vezes nisso – é que este edifício era suposto ser de apartamentos. O projeto foi inicialmente feito para serem apartamentos, só depois é que foi adaptado a espaço de trabalho. Portanto, às vezes também é interessante imaginar como seria este espaço como casas. Nós podemos estar perfeitamente numa sala de uma casa. É interessante pensar que eu estou a trabalhar num espaço de uma casa, e outros colaboradores estão a trabalhar noutros espaços, de outras casas. Apesar de isto ser tudo um projeto, há nitidamente uma distinção entre pisos. Este piso, com os frescos, é o piso nobre, mas, em cima, os pisos têm outras características. Há aqui uma separação entre pisos que também se sente no trabalho. Se tivéssemos a mesma área de trabalho num open space a vivência era outra. Rita: Eu trabalho numa cozinha. A minha sala de trabalho foi pensada como cozinha.

Sebastião: Há cinco ou seis salas onde estão as equipas, há a sala do Manuel onde temos as reuniões, a sala das videochamadas e as salas das maquetes. Rita: A sala das maquetes está diferente todos os dias, porque vão mudando os projetos, e vão mudando as pessoas que estão a fazer as maquetes. Quando eu entrei, ali havia um maior diálogo, apesar das pessoas poderem vir de equipas diferentes. Numa só sala viam-se vários projetos e discutiam-se coisas diferentes.

### **Agora que se fala muito da falta de habitação, gostávamos de vos perguntar se moram perto do atelier, se têm casa própria ou se ainda moram em casa dos pais?**

Sebastião: Eu moro perto do atelier, venho de metro. Rita: Há pouco tempo mudei de casa, mas foi recente. Sebastião: Sentimos que o mercado está impossível. Temos de procurar muito, os preços estão incomportáveis. Rita: É muito difícil para os jovens que estão à procura de casa porque temos de procurar no horário de trabalho. Sebastião: Tudo o que é bom e aparece, desaparece num minuto. Estamos numa fase em que temos de escolher que programas podemos fazer fora do trabalho, e isto acontece sobretudo por causa dos preços das casas. Rita: Mesmos os programas de apoio às rendas não são uma garantia.

### **Face ao panorama nacional e em comparação com os vossos colegas, nacionais e internacionais, consideram que têm boas condições de trabalho?**

Rita: Muitos dos meus amigos foram para fora, principalmente para a Suíça. Outros foram para fora, mas, entretanto, já voltaram. Tanto eu como o Sebastião, quando acabámos o curso, fomos trabalhar para um só sítio, mas muitos já passaram por vários sítios. A nossa aprendizagem tem tido uma evolução. Eu pensei nisso quando fiz o estágio, quando se trabalha num projeto, seis meses não é nada. Há projetos que duram dez anos.





**Trabalham a tempo parcial ou a tempo inteiro?**

Sebastião e Rita: A tempo inteiro.

**E têm contrato de trabalho?**

Sebastião e Rita: Sim.

**Sendo o atelier Aires Mateus um gabinete internacionalmente conhecido, recebem cá clientes e outros arquitetos estrangeiros?**

Sebastião: Sim, muito.

**E os colaboradores aproveitam isso?**

Sebastião: De certa maneira sim, porque com os clientes temos contacto. Se eu estiver a trabalhar com um cliente estrangeiro vou ter contacto com ele e com esse mundo. Isso acontece com muita frequência. Há muitas vezes visitas ao atelier, assim como workshops com estrangeiros, mas isso é um bocadinho fora da maioria do trabalho do atelier. Eu, enquanto colaborador não tenho tanto contacto com isso – a não ser que procure por isso. Há mesmo um departamento dentro do atelier, que trata das publicações, das visitas, dos workshops e das conferências. Esses workshops acontecem geralmente numa sala separada do atelier, mas com o acompanhamento de uma pessoa do atelier, com quem vão visitar as obras, e todos os dias têm “x” tempo com o Manuel e com outras pessoas do atelier.

**Sebastião, onde se vê daqui a 10 anos?**

Eu vejo-me em Portugal. Daqui a 10 anos, em princípio, já devo estar em Portugal, não sei se tendo estado uns tempos fora ou não, mas acho que depende um bocadinho de cada momento. Não tenho nada muito definido. A partir do momento em que entrei aqui pensei que, enquanto estiver a aprender e estiver bem, estou cá, mas se em algum momento sentir que estou estagnado ou que já não estou a aprender nada, então aí vou à procura de alguma outra coisa.

**Há perspectiva de progressão?**

Sebastião: Sim, acho que sim, mas não é fácil. Não é um caminho que se veja com clareza. Aqui no atelier funcionamos por equipas, cada equipa tem os seus coordenadores que, no fundo coordenam os vários projetos e as várias obras. Dentro das equipas há, naturalmente, pessoas com mais experiência e outras com menos experiência. Há uma hierarquia clara, mas na prática – e isso é uma coisa boa – não se sente, é possível falar com toda a gente, não há barreiras. Isso é bom para aprendermos.

**E a Rita, onde se vê daqui a 10 anos?**

Não faço previsões, mas espero ter um espaço de trabalho, com outras pessoas. Daqui a 10 anos se calhar já voltei, por isso vejo-me em Portugal. Talvez esteja a trabalhar num coletivo. A nossa geração tem isso presente, o trabalho de arquitetura deixa de ser feito por um arquiteto, mas por um coletivo. Somos muitos. Isso também implica mudar a maneira como se ensinar a arquitetura. Fala-se do arquiteto individual, do Le Corbusier, do Frank Lloyd Wright, mas cada vez mais se fala de duplas: do Manuel e do Francisco Aires Mateus, ou dos ARX, internacionalmente- Herzog et de Meuron ou Christ and Gantenbein, são cada vez mais coletivos e eu vejo-me a trabalhar em coletivo. Ainda tenho muito para aprender aqui.